



O homoerotismo de Marco Antônio na segunda *Filípica* de Cícero

Bruna Fernanda Abreu¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.10756>

Resumo:

Considerando as abordagens do conceito de homossexualidade para a Roma antiga, procuramos analisar o modo como Cícero expõe a “homossexualidade” de Marco Antônio em sua segunda *Filípica*. Esse discurso se caracteriza por acusações políticas e, principalmente, pessoais de Cícero a Marco Antônio. A passividade de Marco Antônio nas relações sexuais pode ser considerada um dos *topos* desse discurso invectivo.

Palavras-chave: Cícero; Filípicas; retórica; homossexualidade; homoerotismo

Mark Antony's Homoeroticism in Cicero's second *Philippic*

Abstract:

Considering the concept of homosexuality in the ancient Rome, we attempt to analyse how Cicero expose the Mark Antony's “homosexuality” in his second *Philippic*. This speech is characterized by political and, mainly, personal accusations from Cicero to Mark Antony, and the Mark Antony's passivity in his intercourses can be considered a *topos* of this invective speech.

Keywords: Cicero; Philippics; rhetoric; homosexuality; homoeroticism

¹ Doutoranda em Linguística pela UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos. Bolsista CNPQ.



O conceito moderno de homossexualidade não pode ser aplicado à Roma antiga, como vêm demonstrando vários estudiosos. Os sentidos usuais dos termos homossexualidade/heterossexualidade não se aplicam à sociedade greco-romana; parece mais adequado substituir esse conceito pelo de homoerotismo e analisar como os Romanos viam as relações entre pessoas do mesmo sexo². Segundo a maioria dos estudiosos desse tema, o sistema de relações sexuais romano correspondia a padrões sociais de dominância e de submissão. Valorizava-se o fato de o homem³ ser ativo em uma relação sexual, ou seja, “a relação sexual era interpretada unicamente como penetração corporal de um inferior, um cenário que reduzia automaticamente o indivíduo penetrado – mulher, menino ou até mesmo um homem adulto – a um estado ‘feminilizado’⁴”.

Para os homens romanos, contanto que fossem o parceiro ativo na relação sexual, o gênero do outro não importava. No comportamento do homem em relação ao sexo, não importava o amor pelas mulheres ou pelos mancebos, mas sim sua atividade ou sua passividade no ato sexual. “Ser ativo é ser másculo, qualquer que seja o sexo do parceiro chamado passivo⁵”. Parece ter sido uma prática comum na elite romana sodomizar seu próprio escravo, sobretudo seu mancebo favorito, já que os antigos romanos viviam em um contexto cultural no qual homens casados poderiam desfrutar de relações sexuais com seus escravos sem medo de críticas⁶, sempre que, obviamente, exercessem um papel ativo nas relações.

² Cf. Candido: 2014, p. 45.

³ Neste artigo, trataremos mais enfaticamente da figura sexual do homem romano devido ao fato de termos escolhido para análise a imagem de Marco Antônio na segunda *Filípica* de Cícero, texto do período de 44 a. C.

⁴ “*Intercourse was construed solely as bodily penetration of an inferior, a scenario that automatically reduced the penetrated individual – woman, boy, or even adult male – to a ‘feminized’ state*” (Skinner, 1997, p.3). Todas as citações de língua estrangeira são de nossa tradução.

⁵ Cf. Veyne: 1992, p. 62-63.

⁶ Cf. Williams: 1999, p. 3.

A valorização pela atividade no ato sexual e, conseqüentemente, o menosprezo pela passividade reforçam a imagem da mulher na Roma antiga como sendo inferior ao homem, uma vez que era aceitável apenas a passividade para a mulher⁷. A dicotomia “atividade-passividade” pode suscitar em “homem-mulher” ou “masculinidade-feminilidade”, sendo que aos termos “passividade”, “mulher” e “feminilidade” são atribuídas conotações negativas naquele momento cultural. Assim, a atividade no ato sexual também enfatiza a relação entre a sexualidade e a virilidade do homem.

É possível dizer que “a homossexualidade, em suma, era ao mesmo tempo uma manifestação social do poder pessoal do cidadão sobre os escravos e uma reafirmação, para si mesmo, do seu poder viril⁸”. Além disso, Feitosa (2014, p. 139-140) nos diz que “o homem aristocrático e cidadão exerce a função ativa, tanto no campo sexual como social. Ou seja, um modelo de virilidade definido pela consonância entre o papel de comando social e de autocontrole emocional e sexual, que garantiria ao aristocrata a ação de penetrar, independente do gênero sexual do penetrado”.

Dessa forma, é evidente que, se pensarmos no conceito de homossexualidade com o qual nos deparamos nos dias de hoje, seria diacrônico usá-lo no contexto da Roma antiga. Modernamente, homossexual forma um par contrastante com heterossexual; em muitas sociedades, com um polo negativo e positivo do homoerotismo. Na antiga Roma, contudo, o importante a considerar era a nuance da atividade e da passividade do romano no ato sexual com outros homens e/ou escravos. O fato de um homem se relacionar sexualmente com outro homem não é a problemática aqui, mas sim a sua passividade no ato sexual. Como nos diz Williams (1999, p. 17), “o comportamento homossexual por si só não era condenado, e um cidadão masculino

⁷ É pertinente destacar o que nos diz Salústio a respeito de Semprônia, que mais procurava os homens do que era por eles procurada, em *Cat.25: libido sic accensa, ut saepius peteret viros quam peteretur* (“a libido era tão ardente que mais frequentemente procurava os homens do que era procurada” – tradução nossa).

⁸ “*L'omosessualità, insomma, era al tempo stesso una manifestazione sociale del potere personale del cittadino sugli schiavi e una riconferma, per lui, della sua potenza virile*” (Cantarella: 2008, p. 132).

poderia admitir a experiência sexual com homens em certos contextos e configurações sem medo do ridículo ou de represálias, sem sequer o perigo de causar desaprovação⁹”.

Devemos sempre ter em mente que nenhuma palavra grega ou latina corresponde efetivamente ao nosso termo moderno “homossexualidade”. Na Roma antiga, de fato havia relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mas os romanos não classificavam os tipos de desejo ou comportamento sexual de acordo com a semelhança ou diferença dos sexos das pessoas que estavam envolvidas no ato sexual, como fazemos hoje em dia. Considerando o papel do homem no ato sexual, é importante enfatizar que os romanos avaliavam a atividade ou passividade dos envolvidos, de acordo com seu status social, ou seja, se eram homens livres ou escravos, por exemplo, e sua idade¹⁰. Feitosa (2014, p. 139) afirma:

Os conceitos de “homossexual” e “heterossexual” são categorias analíticas inapropriadas para compreender a experiência sexual no mundo antigo. Nesse universo, o fato de um “homem” fazer sexo com outro “homem” ou “mulher” não era suficiente para identificar a sua categoria sexual (...). Longe de fundar uma espécie, o “homossexual”, a relação entre dois homens era considerada uma prática erótica, compatível com o casamento com o sexo oposto, não excludente, pois, da relação com as mulheres. (...) A posição do sujeito como ativo ou passivo é defendida por parte da historiografia como a grande fronteira moral que demarcava os indivíduos e não a preferência hetero ou homossexual.

Portanto, é essa passividade nas relações sexuais que pode ser considerada um dos *topos* presente na segunda *Filípica*¹¹ de Cícero, o qual o orador desenvolve com o objetivo de difamar a imagem de Marco Antônio. Esse discurso é fortemente marcado pela defesa da República e por críticas à vida política e, principalmente, privada de Marco Antônio. Podemos dizer que a segunda *Filípica* se caracteriza por uma invectiva de Cícero ao ataque de Marco Antônio à primeira *Filípica* e uma tentativa de Cícero de salvar sua *dignitas* ao atacar a do seu adversário.

⁹ “Homosexual behavior was not condemned per se, and a citizen male could admit to sexual experience with males in certain contexts and configurations without fear of ridicule or reprisal, without the threat even of a raised eyebrow”.

¹⁰ Cf. OCD, “homosexuality”.

¹¹ As quatorze *Filípicas* de Cícero são seus discursos contra Marco Antônio. As duas primeiras *Filípicas* foram proferidas no Senado em 44 a. C.

Ao citar os relacionamentos homoeróticos de Marco Antônio, Cícero, na verdade, visa expor a passividade sexual de seu adversário. Isso também fica evidente quando o orador compara, principalmente, o comportamento sexual de Marco Antônio com o das mulheres para difamá-lo. Sussman (1994, p. 54-56) afirma, dentre outras coisas, que “nós, portanto, encontramos o discurso salpicado de relatos vigorosos de sua má conduta sexual (...). Em outro lugar na *segunda Filípica*, Cícero retrata Antônio como um jovem em dívidas, uma prostituta avara, um travesti, um *adulescens* apaixonado¹²”. Assim, essa “má conduta” sexual de Marco Antônio pode indicar que ele não se comporta de acordo com o contexto cultural aceitável para a sua posição social, e os adjetivos “prostituta avara” e “travesti” utilizados por Sussman podem representar a posição a que a mulher se submetia sexualmente, sendo um indício de passividade sexual, uma vez que “penetração é subjugação (...) e masculinidade é dominação¹³”.

Portanto, o que nos interessa, aqui, são alguns trechos¹⁴ nos quais estão expostas as invectivas de Cícero em relação à vida privada de Marco Antônio e as considerações a respeito de seus relacionamentos homoeróticos, lembrando que o uso da acusação de “homossexualidade” (mais precisamente, passividade sexual) nas suas invectivas é comum quando Cícero pretende difamar seus inimigos políticos¹⁵. Apresentaremos a seguir algumas partes das seções 3, 34, 44, 45, 50, 55 e 86 da segunda *Filípica*.

Primeiramente, destacamos uma parte da seção 3 da segunda *Filípica*:

3. (...) *Contra rem suam me nescioquando uenisse questus est. An ego non uenirem contra alienum pro familiari et necessario, non uenirem contra gratiam non uirtutis spe, sed aetatis flore collectam, non uenirem contra iniuriam, quam iste intercessoris iniquissimi beneficio obtinuit, non iure pretorio?* (grifos nossos)

¹² “We therefore find the speech peppered with lively accounts of his sexual misconduct (...). Elsewhere in the Second Philippic Cicero portrays Antony as a young man in debt, an avaricious prostitute, a transvestite, a love-sick *adulescens*”.

¹³ Cf. Williams: 1999, p. 18: “penetration is subjugation (...) and masculinity is domination”.

¹⁴ Todos os trechos citados da segunda *Filípica* são de nossa tradução. Cf. também: ABREU, B. F. “A segunda *Filípica*: Tradução e estudo do *ethos* segundo a Retórica de Cícero”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2017.

¹⁵ Cf. Gouffier: 1978, p. 219.

3. (...) Ele se queixou de eu ter intervindo, não sei quando, contra os seus interesses. Por acaso não é necessário que eu intervenha contra um estranho em defesa de um familiar e amigo íntimo, que eu intervenha contra o reconhecimento adquirido não pela esperança da virtude, e sim pela *flor da idade*, que eu intervenha contra a injustiça, que ele sustentou com grande ajuda de um intercessor dos mais iníquos, não sob a justiça feita por um pretor? (grifos nossos)

Vemos que Cícero valoriza, nesse momento, a *uirtus* (“virtude”) e atribui a si mesmo essa qualidade. Marco Antônio, por sua vez, age de modo contrário, em favor de estranhos, da flor da idade e da injustiça. É importante destacarmos a expressão *aetatis flore* (“flor da idade”). *Flos aetatis* se refere à fase em que os meninos não são mais crianças pré-púberes, mas também não são homens. Eles estavam no auge do desejo físico e sexual e, assim, da vulnerabilidade e “enquanto os jovens desfrutassem da flor da juventude, eles eram os mais vulneráveis, até suscetíveis, aos avanços sexuais masculinos¹⁶”.

Entre os homens romanos, era normal que desejassem e procurassem meninos para se satisfizerem sexualmente. Os meninos que despertavam desejo sexual nos homens eram passivos durante o ato. Quando Cícero emprega a expressão *aetatis flore*, ele pode estar se referindo ao fato de a *gratia* (“reconhecimento”) de Antônio ter sido obtida não a partir de sua virtude, mas de concessões de favores sexuais quando jovem, uma espécie de prostituição masculina. É possível que seja uma insinuação ao fato de Marco Antônio ter sido penetrado, ou seja, o passivo, em sua juventude no ato sexual com outros homens.

Além disso, Williams (1999, p. 173) nos diz que “os ataques notoriamente maliciosos de Cícero a Marco Antônio nas *Filípicas* incluem vários insultos sexuais, entre eles a acusação de que em sua adolescência Antônio agiu como ‘mulher’ do jovem Curião¹⁷” e há referências à dominação de Curião sobre Antônio, como se este fosse um escravo e Curião seu dono. As referências femininas e o agir como “mulher” implicam na passividade de Antônio durante o ato sexual.

¹⁶ “as long as young men enjoyed the the flower of youth they were the most vulnerable, even susceptible, to men's sexual advances” (Williams:1999, p. 73-74).

¹⁷ “Cicero's notoriously malicious attacks on Mark Antony in the Philippics include various sexual slurs, among them the accusation that in his adolescence Antony acted as ‘wife’ to the younger Curio”.

Podemos ver essa referência em outra parte da seção 3:

3. (...) *At enim te in disciplinam meam tradideras – nam ita dixisti –, domum meam uentitaras. – Ne tu si id fecisses, melius famae, melius pudicitiae tuae consuluisses. Sed neque fecisti nec, si cuperes, **tibi id per C. Curionem facere licuisset.*** (grifos nossos).

3. (...) Contudo, tu te confiavas à minha educação – pois assim disseste –, frequentaras a minha casa. – Certamente, se tu tivesses feito isso, terias cuidado melhor da tua reputação, da tua honra. Mas tu não o fizeste e, se tu o desejassemos, **Caio Curião não teria permitido que o fizesses** (grifos nossos).

A partir da frase destacada acima, *tibi id per C. Curionem facere licuisset* (“Caio Curião não teria permitido que o fizesses”), é pertinente destacar o verbo *licet* utilizado por Cícero. Na frase em questão, este verbo tem o sentido de “ser permitido (a X, no caso dativo, fazer Y, no verbo no infinitivo)”. Também temos o dativo *tibi*, referindo-se a Marco Antônio, o verbo *facere* e *per C. Curionem*, expressão que indica “por quem” é permitido. Assim, literalmente temos: “não teria sido permitido a ti, por Caio Curião, fazer isso”.

Assim, vemos que Curião é quem teria que dar permissão a Marco Antônio para estudar com Cícero, o que implica na imagem de Marco Antônio como submisso ou inferior a Curião, socialmente, como uma mulher ou um escravo que precisa da autorização do *dominus*. Considerando o objetivo invectivo do discurso em questão, a submissão de Marco Antônio a Curião também está relacionada com sua passividade sexual. Note-se *pudicitia*; um *impudicus* significa, para um romano, um homem que se deixa penetrar por outro¹⁸. Antônio se submete sexualmente a um outro homem, ao mesmo tempo que se submete a seu arbítrio: não é dono de seu corpo e de sua vontade.

Essa passagem da seção 3 é a primeira menção de Cícero em relação a Curião, Marco Antônio e sua submissão. Contudo, na seção 44, o orador volta a esse tópico:

44. (...) *Sumpsisti uirilem, quam statim **muliebrem togam** reddidisti. Primo **uulgare scortum**, certa flagiti merces, nec ea parua. Sed cito Curio interuenit, qui te **a meretricio quaestu** abduxit et, tamquam*

¹⁸ Cf. Williams: 1999, p. 97-99.

stolam dedisset, in matrimonio stabili et certo collocavit.(grifos nossos).

44. (...) Tu te revestiste da toga viril, que logo transformaste em **toga mulheril**. Primeiro, **uma meretriz pública**, com um preço certo para a depravação, e não baixo. Mas logo veio Curião, que te afastou **da profissão de meretriz** e, como se ele **te tivesse dado um vestido de matrona**, **estabeleceu um matrimônio estável e fixo** (grifos nossos).

Há várias expressões no trecho supracitado que são de fundamental importância para a construção da imagem de Marco Antônio como passivo nas suas relações homoeróticas, até mesmo atribuindo-lhe um papel feminino. Uma delas é *muliebrem togam* (“toga mulheril”), da qual Cícero faz uso para transformar Marco Antônio em uma mulher. Ao afirmar que Marco Antônio, em sua juventude, passou da *togam uirilem* (“toga viril”), usada por homens, para a *togam muliebrem*, o orador alude à mudança de homem para mulher, no que diz respeito ao relacionamento sexual, ou seja, de ativo para passivo.

Contudo, é importante mencionar que o orador primeiramente retrata Marco Antônio como uma meretriz pública e, depois, como esposa de Curião. Assim, *muliebrem togam* pode estar se referindo à vestimenta das prostitutas, que eram proibidas de vestir a *stola*, reservada às *matronae* romanas, às mulheres casadas¹⁹. A imagem de Marco Antônio como sendo, inicialmente, uma meretriz se reforça com *uulgare scortum* (“meretriz pública”), sendo que “uma das mais comuns (e pejorativas) palavras para denotar uma prostituta era *scortum*, um substantivo neutro que poderia ser usado tanto para homens quanto para mulheres²⁰”.

Considerando que, na Roma antiga, as prostitutas eram símbolos de vergonha e de *infamia*, sendo a *infamia* “falta de honra pública”, uma torpeza moral, e o oposto de *existimatio* e *dignitas*²¹, em *meretricio quaestu* (“profissão de meretriz”) Cícero enfatiza a falta de moral de Marco Antônio, já que, além de sua passividade nas relações homossexuais, ele se prostituiria, fazendo-se pagar através de serviços sexuais; insinuação semelhante já apareceu num trecho que transcrevemos mais acima. Neste

¹⁹ Cf. Ramsey, IN: Cícero: 2003, p. 227.

²⁰ “Indeed, one of the most common (and pejorative) words denoting a prostitute was *scortum*, a neuter noun that could be used of both males and females” (WILLIAMS: 1999, p. 39).

²¹ Cf. Edwards:1997, p. 69.

caso, Marco Antônio é associado ao papel de uma mulher, metaforizando sua passividade sexual, mas há o agravante moral de suma importância determinado pela sua caracterização como uma mulher prostituta.

Em seguida, temos a imagem de Marco Antônio como sendo a mulher de Curião: *tanquam stolam dedisset, in matrimonio stabili et certo collocavit* (“como se ele te tivesse dado um vestido de matrona, estabeleceu um matrimônio estável e fixo”). Essa ideia se reforça com a palavra *stola*, veste usada pelas mulheres casadas, e com o fato de Curião estabelecer um matrimônio estável e fixo com Marco Antônio. Podemos dizer que Cícero novamente expõe a passividade sexual de Marco Antônio.

Também destacamos o que nos diz Williams (1999, p. 245-246) sobre a seção 44 da segunda *Filípica*:

Estas são palavras de luta e a retórica enfatiza que Curião e Antônio estavam envolvidos em um relacionamento sexual, no qual Antônio, o parceiro mais jovem, desempenhava o papel receptivo; a linguagem do casamento é invocada de modo a incitar ainda mais o desprezo a Antônio. Ele não só interpretou o “papel da mulher” no relacionamento sexual, mas ele estava tão sob o controle de Curião quanto a esposa está sob a autoridade do marido²².

Em um trecho da seção 45, *Nemo unquam puer emptus libidinis causa tam fuit in domini potestate quam tu in Curionis* (“Nenhum **menino** comprado por causa da luxúria alguma vez esteve tão **em poder do dono** como tu em poder de Curião”), temos as expressões *puer* (“menino”) e *in domini potestate* (em poder do dono). Há uma comparação entre Marco Antônio e um *puer delicatus*, ou escravo, comprado a fim de saciar a luxúria de um *dominus*, sendo este, no caso, Curião.

A respeito da palavra *puer*, ainda é importante mencionar que

o vocábulo latino *uir* caracterizaria um aristocrático como homem em sua plenitude, diferente de outros termos usados para apresentar indivíduos do mesmo sexo, mas de idades e categorias sociais diferentes como, por exemplo, *puer* ou *juvenis* para os filhos da

²² “These are fighting words, and the rhetoric makes the point that Curio and Antony were involved in a sexual relationship in which Antony, the younger partner, played the receptive role; the language of marriage is invoked so as to heap further scorn on Antony. Not only had he played the ‘woman’s role’ in the sexual relationship, but he was as much under Curio’s control as a wife is under her husband’s authority”.

aristocracia ainda menores e *homines* ou *puer* para adultos escravos, libertos, não cidadãos e mesmo cidadãos de classes mais baixas (FEITOSA: 2014, p. 142).

A escolha de Cícero pela palavra *puer* e de associá-la a Marco Antônio não é aleatória, já que ela implica tanto na passividade sexual de Marco Antônio quanto na construção da imagem de Curião como o ativo no relacionamento sexual. Nesse caso, entende-se que Curião é o *dominus* de Marco Antônio e o *uir* do relacionamento, o ativo, e Marco Antônio o *puer*, um escravo e passivo cuja função é satisfazer a luxúria do dono.

É importante destacar um trecho da seção 45, no qual pode haver uma nova associação com prostituição: *Quotiens te pater eius domu sua eiecit, quotiens custodes posuit, ne limen intrares? cum tu tamen nocte socia, hortante libidine, cogente mercede, per tegulas demitterere* (“Quantas vezes o pai dele te expulsou de sua casa, quantas vezes ele posicionou guardas para que tu não entrasses? Contudo, com a cumplicidade da noite, **com o incitamento da libido, com o estímulo do pagamento**, tu desceste pelo telhado”). Com a expressão *hortante libidine* (“com o incitamento da libido”), é possível dizer que, em suas relações eróticas passivas, o desejo leva Antônio a chegar ao ponto de agir de modo que não condizia com sua posição social. E em *cogente mercede* (“com o estímulo do pagamento”), podemos verificar uma nova associação da imagem e atitudes de Marco Antônio com a prostituição, ou seja, com a profissão de meretriz, ideia que já fora exposta na seção 44.

Temos também a seção 86, *Tibi uni peteres, qui ita a puero uixeras ut omnia paterere, ut facile seruires* (“Tu deverias ter suplicado por ti, apenas, uma vez que tu viveras desde menino de tal forma que **tu te submetias a tudo**, que facilmente **serias um escravo**”). Aqui, é importante destacar os verbos *patior* e *seruio*. *Patior*, segundo o *OLD*, pode significar tanto “suportar, tolerar” quanto “submeter-se ou ter relações sexuais com alguém”, enquanto *seruio* pode significar “ser escravo, ter a condição de escravo” e, ainda de acordo com o *OLD*, esse verbo também pode ser aplicado em esfera amorosa: “*in transferred sense of a lover*”, ou seja, “no sentido, transferido, de um amante”. Quando analisamos os dois verbos juntos, entendemos o jovem Marco

Antônio como o passivo nas relações sexuais e como um escravo novamente, sendo importante notar a força do objeto *omnia*.

Já a imagem de Marco Antônio como esposa de Curião se repete na seção 50: *aduolasti egens ad tribunatum, ut in eo magistratu, si posses, uiri tui similis esses* (“tu, indigente, foste às pressas até o tribunado, para que nessa magistratura, se pudesses, tu fosses semelhante ao **teu marido**”). Aqui, temos o uso da expressão *uiri tui* (teu marido) relacionada à imagem de Curião, sendo possível dizer que Marco Antônio se comporta como mulher no relacionamento sexual por ter um *uir*, uma espécie de “marido”, com quem se teria casado em “matrimônio estável”, como dissera Cícero. Inclusive, na seção 34, Cícero nega que Marco Antônio seja um *uir*: *uirum res illa quaerebat* (“aquela situação requeria um **homem**”).

Por fim, temos a seção 55, na qual há uma clara “efeminização” de Marco Antônio e Cícero o compara a uma mulher, Helena de Troia: *Vt Helena Troianis, sic iste huic rei publicae causa belli, causa pestis atque exiti fuit* (“Assim como **Helena** foi a causa da calamidade e da ruína **para os troianos**, esse homem foi a causa da guerra para esta República”). A comparação entre Helena, que levou a calamidade e a ruína a Troia, e Antônio, que levou a guerra à República, faz com que se atribua a Marco Antônio todos os infortúnios que acompanharam a República com a Guerra Civil. Cícero questiona a virilidade de Marco Antônio – e o fato de não ser o *uir* – e, conforme Myers (2003, p. 346-347) afirma:

Antônio, já uma mulher vil, torna-se agora a mais notória e politicamente destrutiva Helena de Troia. Cícero compara a carreira militar de Antônio e os seus sucessos com ela (...). Em sua forma emasculada, Antônio violou o compromisso com o trabalho público e não exhibe nenhum sinal de *dignitas*, assim não deveria impor *auctoritas* ou autoridade pessoal²³.

Com os trechos expostos, tentamos expor um dos meios através dos quais Cícero coloca em prática um de seus objetivos ao longo de sua segunda *Filípica*, que

²³ “*Antony, already a base woman, becomes now the most notorious and politically destructive Helen of Troy. Cicero likens Antony’s military career and successes to her (...). In his emasculated form, Antony has violated the commitment to public office and exhibits no signs of dignitas so should not command auctoritas or personal authority*”.

consistia na difamação pública e privada de seu adversário, Marco Antônio. Para a sua finalidade retórica, o orador menciona os relacionamentos homoeróticos de Marco Antônio, principalmente com Curião, porém intencionando acusar sua passividade no ato sexual.

Cícero procura manchar a imagem de Marco Antônio no que diz respeito a seu cargo político e sua posição social. Para tal, Cícero atribui a Marco Antônio a imagem de um menino que satisfaz homens adultos (*uir e patior*), um escravo (*puer e serui*) que possui um dono (*dominus*) e uma mulher/prostituta (com as palavras *stola, toga, scortum, uiri tui* e *Helena*, por exemplo) submissa a um homem. Uma vez que para meninos, escravos e mulheres aceitava-se somente a passividade, podemos dizer que, nessa caracterização, constitui-se, assim, a passividade de Marco Antônio no ato sexual, associada à submissão de sua vontade à de um outro homem.

Referências bibliográficas:

- ABREU, B. F. “A segunda *Filípica*: Tradução e estudo do *ethos* segundo a Retórica de Cícero”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2017.
- BEDNAREK, B. “Ancient homophobia: prejudices against homosexuality in classical Athen”. IN: *Humanitas*, v. 69, 2017, p. 47-62.
- CANDIDO, M. R. “Pederastia e ritual de passagens na formação do jovem cidadão ateniense”. IN: ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. *Homoerotismo na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.
- CANTARELLA, E. *Secondo natura: la bisessualità nel mondo antico*. Milão: BUR, 2008.
- CICERO. *Philippics I-II*. Edited by John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DOVER, K. J. *Homosexualité grecque*. Trad. Suzanne Saïd. Notre Dame: Ed. La Pensée Sauvage, 1982.
- EDWARDS, C. “Unspeakable Professions: Public Performance and Prostitution in Ancient Rome”. IN: HALLET, J. P.; SKINNER, M. B. *Roman sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

- ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. *Homoerotismo na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.
- FEITOSA, L. C. “O amor entre iguais: o universo masculino na sociedade romana”. IN: ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. *Homoerotismo na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- GONFROY, F. “Homosexualité et idéologie esclavagiste chez Cicéron”. IN: *Dialogues d'histoire ancienne*, v. 4, 1978; pp. 219-262.
- HALLET, J. P.; SKINNER, M. B. *Roman sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- MYERS, N. “Cicero’s (S)Trumpet: Roman women and the second Philippic”. IN: *Rhetoric Review*, v. 22, n. 4, 2003; p. 337-352.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.
- SUSSMAN, L. A. “Antony as a *Miles Gloriosus* in Cicero’s second Philippic”. IN: *Scholia*, v. 3, 1994; p. 53-83.
- VEYNE, P. “A homossexualidade em Roma”. IN: *Amor e sexualidade no ocidente: edição especial da Revista L’Histoire/Seuil*. Trad. Ana Maria Capovilla, Horácio Goulart e Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- WILLIAMS, C. A. *Roman homosexuality: ideologies of masculinity in Classical Antiquity*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

Recebido em Junho de 2017
Aprovado em Julho de 2017

